

com as condições internas em que procuravam também influir; a imprensa no exterior era circunstância. A questão fica mais clara quando se considera o jornal de Hipólito — do tipo doutrinário e não do tipo noticioso — como ângulo externo de ver o Brasil, perspectiva externa: todos os nossos grandes problemas foram por ele tratados muito mais segundo as condições internacionais do que nacionais.

A visão costumeira do problema parece padecer de vício formal. Ela se reparte em duas direções: a dos que glorificam Hipólito e a dos que o denigrem. A posição típica dos que glorificam pode ser exemplificada com a opinião de Oliveira Lima, que estudou o período joanino no Brasil: “O *Correio Brasiliense*, por ser o único periódico português do tempo que podia manifestar independência, porque se editava fora dos domínios reais e tinha à sua frente um homem de espírito desassombrado e clarividente, constitui o melhor, senão o exclusivo, repositório das falhas da administração brasileira”. A posição dos que a denigrem pode ser tipificada com o exemplo de Fernando Segismundo que, no seu requisitório<sup>(8)</sup>, alinha os seguintes argumentos: Hipólito não foi precursor do abolicionismo; tratou da questão dos escravos, pela primeira vez, em 1814, afirmando-se contrário ao instituto servil; voltou ao assunto em 1815, entendendo “chegado o tempo em que esta questão de escravatura deve ser decidida afinal”, e achando que o problema do tráfico poderia ser contornado com a introdução de máquinas e início da imigração; voltando ao tema, em 1822; teve antecipadores, entretanto<sup>(9)</sup>; não foi precursor da imigração européia, nem da idéia da transferência da capital para o interior<sup>(10)</sup>; ficou ao lado das Cortes, quando estas tentaram recolonizar o Brasil, censurando a sua “tendência democrática” (p. 548, II); apoiou a determinação de fazer voltar ao Reino o príncipe D. Pedro, para manter a “desejada união entre Brasil e Portugal” (p. 551, II)<sup>(11)</sup>.

Hipólito da Costa fundou, dirigiu e redigiu o *Correio Brasiliense*, em Londres, durante todo o tempo de vida do jornal. O número inaugural

(8) Tese apresentada ao VI Congresso Nacional de Jornalistas.

(9) O padre português Manuel Ribeiro da Rocha, autor de *O Etiópe Resgatado, Empenhado, Sustentado, Corrigido, Instruído e Libertado*, Lisboa, 1757; os conjurados mineiros e baianos; o desembargador paulista Antônio Rodrigues Veloso de Oliveira, na *Memória Sobre o Melhoramento da Província de São Paulo Aplicável em Parte a Todas as Outras Províncias do Brasil*, de 1822, mas escrita em 1810.

(10) Veloso de Oliveira dirigiu memória ao príncipe regente, em 1810, sobre isso.

(11) A idéia de separação entre Brasil e Portugal aparece tarde, realmente, na área de direita das forças que participaram do processo da Independência. Na Inglaterra, essa idéia apareceu tarde, também: se a conquista do mercado brasileiro e sua manutenção fosse possível sem a Independência, seria bem aceita a continuação do regime que mantinha o Brasil submetido a Portugal.